

ISABEL GARDENAL  
bel@unicamp.br

Há um antagonismo no espaço urbano atual onde cada vez mais as cidades tendem a se fechar ao uso coletivo e às manifestações de cidadania. Essa conduta não passou despercebida da academia. Uma tese de doutorado da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC), defendida por Flávia Brito Garboggini, teve como campo de pesquisa a Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, o campus da Unicamp, para avaliar o potencial dos espaços abertos na qualificação urbana. Ter olhado para esse retrato exigiu considerar a sua história, a concepção do seu plano diretor, sem deixar de contemplar a instituição como ela é 46 anos após sua fundação, em 5 de outubro.

A conclusão da pesquisa foi que ela colaborou para uma mudança de paradigma sobre os espaços abertos de uso coletivo da Unicamp, iniciando com a requalificação da praça do Ciclo Básico, um projeto piloto que agora, como efeito multiplicador, está levando suas diretrizes à praça das Bandeiras, ao polo de tecnologia da Unicamp e ao novo campus da Faculdade de Ciências Aplicadas. A obra de requalificação está finalizando, e a estimativa de conclusão é nos próximos três meses.

O doutorado de Flávia é o terceiro do novo programa de pós-graduação “Arquitetura, tecnologia e cidade”, criado há um ano. O elemento motivador foi a revalorização da vida pública, com uma preocupação maior com a cidade contemporânea. O estudo, entre 2006 e 2011, incluiu uma pesquisa-ação, que ainda deve ter continuidade para o registro da ocupação da Universidade.

A autora explica que os espaços abertos geralmente “são entendidos como tudo o que não é edificação e têm grande potencialidade de aplicações, dependendo de como são tratados. Alguns lugares podem ser de maior permanência, outros só de passagem. Valoriza-se o ambiente de uma maneira geral”.

O espaço aberto do campus foi analisado pela vertente do desenho urbano, como se daqui para frente houvesse um marco: o pensamento de enxergar e tratar os espaços valorizando não apenas as edificações – também o entorno, em interação com a comunidade.

Na cidade tradicional, desde a Idade Média, os edifícios definiam os espaços urbanos e seus contornos funcionavam como paredes dos ambientes externos. Já a partir da cidade moderna, do século 20, os edifícios tornaram-se autônomos, e a malha viária passou a defini-los. Isso desvirtuou o espaço aberto como local de convivência, e as atividades passaram a ser dispersas no território.

Nesse contexto surgiu a Unicamp, distante da cidade, formada para funcionar isoladamente. Vários prédios ficaram prontos sem ter calçadas e caminhos para chegar até eles, sem falar na urbanização do entorno, que em muitos casos não foi projetada.

## PESQUISA-AÇÃO

Até um certo ponto, a pesquisa seguiu um rumo acadêmico. Quando o projeto de requalificação foi aprovado pela Unicamp, a autora se viu diante do desafio de conciliar a experiência acadêmica e a prática profissional, alinhando questões como economia e recursos.

Ao conversar com o arquiteto João Carlos Bross – que concebeu o plano diretor da Universidade –, Flávia confirmou que a praça do Ciclo Básico sempre teve um papel articulador dos espaços, usos e edificações no desenho original.

Vendo a relevância que isso tinha para a instituição, a doutoranda, que passou a atuar como arquiteta da Coordenadoria de Projetos (CPROJ) da FEC, idealizou o projeto para a praça com o arquiteto Antonio Luis Castellano, aplicando os enfoques da sua pesquisa acadêmica.

Seu trabalho foi enriquecido com uma pesquisa-ação, metodologia em que o pesquisador não é só um observador do processo. Interege com a comunidade para saber as percepções e expectativas dos vários agentes. Foram ouvidos alunos, funcionários, a Administração, visitantes e expositores da feira de artesanato, etc.

Após um tempo na CPROJ, a arquiteta transferiu-se para a Coordenadoria de Projetos e Obras (CPO) da Pró-Reitoria



Desenho mostra como será a praça do Ciclo Básico: releitura propõe integração dos espaços

# Aberto e público



Flávia Brito Garboggini, autora da tese, e a professora Silvia Aparecida Mikami Gonçalves Pina, orientadora

de Desenvolvimento Universitário (PRDU) e continuou gerenciando esse projeto, com a chance de poder avaliar o seu desempenho após a conclusão das obras.

A praça do Básico foi imaginada como um centro referencial de todo o traçado do campus, com as ruas radiais partindo dele. Foi planejada para funcionar como um espaço de integração entre a comunidade universitária, as unidades básicas e os setores institucionais.

Ocorre que a sua urbanização concretizou-se somente 12 anos depois, criando uma defasagem entre a concepção e a implementação do projeto. A praça foi inaugurada em 1978, final da gestão Zeferino Vaz, mais configurada como um espaço de passagem do que de uso.

O que ela tinha? O espelho d’água com uma escultura de pedra, pela qual jorrava água; o teatro de arena; a torre da caixa d’água e os caminhos radiais. Nesse tempo, já havia o Ciclo Básico I, e as pessoas se reuniam ali.

Requalificar a praça envolvia, além de espaço físico, estimular novos usos para que atingisse o potencial esperado. O próprio arquiteto Bross confirmou que “a praça nunca alcançou esse plano e que o nosso estudo poderia retomar a concepção de forma repaginada”, informa Flávia.

O seu projeto buscou respeitar o traçado original da praça. Para a área do espelho d’água, de cerca de 50 metros de diâmetro, sugeriu-se a preservação, fazendo um trabalho com sobreposições. Sobre parte dele, construiu-se um tablado, que deve atuar como palco para manifestações artístico-culturais, tirando partido do desnível natural do terreno.

No ponto central, havia uma escultura de pedras que, com o tempo, cedeu e virou uma ilha com árvores. Esse elemento gerou um bloqueio visual, tirando a noção da escala e de orientação do restante da praça. Não se podia enxergar o outro lado.

Para esse local, a arquiteta propôs uma escultura urbana verticalizada, marcando esse momento de inovação da Universidade. “Em

breve, será aberto um edital para que artistas se candidatem a fazer projetos de arte que sejam cambiáveis, dando-lhe dinamismo.”

Fora isso, foi criado um deck metálico em forma de elipse, suspenso sobre o espelho d’água, fazendo um percurso que liga o Ciclo Básico I ao Básico 2. Essa intervenção se justifica, uma vez que aquele espelho d’água, ao invés de integrar as pessoas, as dispersava. Ao chegarem ali, tinham que contorná-lo.

Com a inserção da nova estrutura, elas podem cruzar pelo centro da praça, que une os dois conjuntos principais. Uma marquise semicircular vermelha cobre uma área extensa, reforçando o traçado circular da praça e possibilitando outros usos.

O projeto expandiu-se para a direção do Restaurante Universitário e interligará a praça ao bairro da Cidade Universitária, nas proximidades do Arquivo Central. O local será uma rua de pedestres.

Conforme a docente da FEC Silvia Mikami, orientadora da tese, a praça do Ciclo Básico foi o embrião do projeto, e a ideia de valorizar os espaços abertos no projeto da Universidade foi aos poucos tomando corpo. “Agora suas diretrizes vão se irradiando: os padrões urbanísticos de desenho de piso, de elementos de mobiliário e de desenho urbano passaram a ser usadas em outros campi”, festeja.

Paralelamente ao trabalho acadêmico, foi desenvolvido um manual, feito pela CPO-PRDU, “Passeios para os campi da Unicamp”. Ele traz os padrões urbanísticos definidos a partir do projeto para a praça. Já está sendo empregado no polo de tecnologia e nas novas quadras.

Os pisos têm rotas para pessoas com necessidades especiais e ciclofaixas. Foram feitos em blocos intertravados de concreto, com apelo de sustentabilidade: são permeáveis e drenam a água da chuva; se precisarem ser removidos, não geram entulho e são reaproveitáveis.

Cinco mil exemplares desse manual, impressos pela Gráfica Central, estão sendo distribuídos nas unidades, podendo ser refe-

rência para que todos os projetos da Universidade priorizem o pedestre e a acessibilidade.

## VALORIZAÇÃO

Esse olhar sobre os espaços abertos passou a ser adotado com uma preocupação com a qualidade espacial do campus. Até no catálogo institucional da PRDU deste ano incorporou-se a valorização dos espaços abertos para usos coletivos. Os projetos hoje já ocorrem com o mesmo parâmetro para o qual foi criada a praça. Isso demonstra que as suas diretrizes estão ganhando novas aplicações.

Para viabilizar essa reforma, a obra foi dividida em etapas de execução. A primeira fase está sendo feita com recursos de cerca de R\$ 4 milhões.

Flávia fez uma enquete a fim de saber das pessoas o que elas achavam da Universidade investir em requalificação. A resposta foi unânime: todos reconheceram que era essencial. Uma avaliação do desempenho da praça demonstrou também o interesse da comunidade pelos espaços de convivência e integração social.

Outra constatação foi a tendência de as pessoas usarem mais o interior dos prédios e menos os espaços externos. A ideia é que elas saiam e vivenciem esses espaços com qualidade, pois é também na passagem de um instituto a outro que o aluno pode interagir com pessoas de outras áreas e enriquecer sua aprendizagem, intenção que já estava imbuída na proposta de Zeferino Vaz.

Sobre o valor do projeto, Silvia relata que ele permite que a comunidade universitária olhe diferente o seu espaço, sendo possível fazê-lo com qualidade ambiental e social. “As pessoas não ficam mais olhando só uma edificação nova e sim como se integra nessa paisagem e com os outros edifícios.”

Academicamente, a pesquisa-ação mostrou-se um instrumento válido e rico de interação entre os envolvidos e a realidade com o projetista – o arquiteto urbanista. “Apesar deste ter sido um ensaio, suas diretrizes poderão ser aproveitadas em outras situações que envolvam o espaço aberto”, expõe a orientadora.

A pesquisa documental aconteceu no Arquivo Central e na Assessoria de Comunicação e Imprensa. “Contamos com a colaboração dos órgãos técnicos como a CPO, onde o projeto executivo e a obra foram viabilizados, além da CPROJ, que fez a concepção do projeto”, relata Flávia.

## Publicação

**Tese:** “O potencial dos espaços abertos na qualificação urbana: uma experiência piloto na Cidade Universitária Zeferino Vaz”

**Autora:** Flávia Brito Garboggini

**Orientadora:** Silvia Aparecida Mikami Gonçalves Pina

**Unidade:** Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC)